



JUNHO/JULHO 2020

JUNHO/JULHO 2020 // DESCONFINAR NO FEMININO

ESPLANADA DO IPDJ

ESTREIA NACIONAL

QUINTA, 09 JULHO / 22:00

DIA DE FESTA / SOFIA BOST / PORTUGAL, 2019, 17', M/12

RUBY / MARIANA GAIVÃO / PORTUGAL, 2019, 25', M/12

CÃES QUE LADRAM AOS PÁSSAROS / LEONOR TELES / PORTUGAL, 2019, 21', M/12

Depois de terem sido apresentadas em festivais como Veneza, Roterdão e Cannes, as mais recentes curtas-metragens das realizadoras Sofia Bost, Mariana Gaivão e Leonor Teles chegam às salas de cinema portuguesas no dia 9 de Julho. "Dia de Festa", "Ruby" e "Cães que Ladram aos Pássaros" revelam três visões no feminino sobre o futuro e a juventude e representam o que melhor se faz no cinema português contemporâneo. Esta é uma oportunidade para que público português possa conhecer três filmes que já viajaram pelo mundo e que agora estreiam juntos em Portugal.

O primeiro filme a ser apresentado nesta sessão é "Dia de Festa", que marca a estreia de Sofia Bost na realização. Esta curta-metragem é sobre a complexidade das relações entre mães e filhas e faz parte da competição oficial da Semana da Crítica do Festival de Cinema de Cannes 2019. "Ruby", arrecadou o Prémio para o Melhor Realizador Português no Curtas Vila do Conde 2019 e o prémio de Melhor Curta-Metragem no Caminhos do Cinema Português 2019. Tem sido exibido em vários festivais de renome como o Festival Internacional de Cinema de Roterdão ou o Festival du Nouveau Cinéma de Montréal, Canadá. Retrata uma juventude em autodescoberta e acompanha a jovem Ruby nos dias antes de a sua melhor amiga, Millie, regressar a Inglaterra. "Cães Que Ladram aos Pássaros", o mais recente filme da realizadora Leonor Teles, acompanha os dias de Verão de Vicente e da sua família, obrigados a sair da sua casa no centro do Porto, por força da especulação imobiliária. O filme estreou na passada edição do Festival Internacional de Cinema de Veneza, foi Nomeado para Melhor Curta Metragem Europeia nos 32º European Film Awards e recebeu o Terceiro Premio del Jurado Internacional do Mecal Pro.



Sede.
Rua Dr. Francisco de Sousa Vaz, n.º 28 A - 8000-327 Faro

Horário.
Segunda, Quarta e Sexta - 10h30 - 12h30 / 14h30 - 17h30

Telefone.
289 827 627

E-mail.
cineclubefaro@gmail.com

Site.
cineclubefaro.pt

Preço Sessões.
Sócios CCF (com quotas em dia): Entrada Livre / Estudantes: 3€ / Restante Público: 4€

18 JUNHO

RETRATO DA RAPARIGA EM CHAMAS

CÉLINE SCIAMMA / FRANÇA, 2019, 121', M/12



[...] Dir-se-ia que entre pintura e cinema sempre existiu um jogo de sedução que já deu origem a filmes tão invulgares como "A Bela Impertinente", de Jacques Rivette, ou "Van Gogh", de Maurice Pialat (ambos franceses, ambos de 1991). No caso de "Retrato da Rapariga em Chamas" - distinguido em Cannes/2019 com o prémio de argumento -, dir-se-ia que a perturbação da pintura começa no seu valor de troca. Troca de quê? Ou para quê? Pois bem, no sentido de um contrato conjugal: em finais do século XVIII, Marianne chega a uma ilha da Bretanha para pintar o retrato de Héloïse, retrato esse que pode desempenhar um papel decisivo na consumação do casamento de Héloïse. Neste universo de predomínio do masculino, é no espaço do feminino que se decide a verdade dos desejos. Acontece que nenhuma imagem, a começar pelo retrato de um ser humano, "reproduz" o que quer que seja. A sua figuração envolve sempre um elo, transparente ou inconsciente, entre aquele (ou aquela) que faz pose e aquele (ou aquela) que transforma essa pose em matéria visual. Dito de outro modo: no jogo de olhares que se instala, Marianne e Héloïse são tocadas pelo fogo do amor. Céline Sciamma é uma cineasta dos enigmas passionais e, mais do que isso, da dimensão mais secreta das identidades sexuais [...]. Sciamma encena qualquer "coisa" que escapa às regras correntes das alianças humanas, expõe a dimensão sobre-humana de uma entrega amorosa - cinema do visível, pressentimento do invisível. (João Lopes, rtp.pt/cinemax)

25 JUNHO

A VIDA INVISÍVEL

KARIM AÏNOUZ / BRASIL / ALEMANHA, 2019, 139', M/16



[...] O realizador Karim Aïnouz revela um talento raro para o melodrama. [...] O filme tem a dimensão e a estrutura de uma saga e lança diferentes pontos de reflexão sobre o Brasil moralista e retrógrado dos anos 40/50, com óbvias repercussões na atualidade. Na base, uma família, próxima do ambiente sugerido pela telenovela "Imigrantes". Os pais portugueses - ele pai-deiro, ela doméstica -, as duas filhas já nascidas no Brasil e, de alguma forma, tentadas pelo glamour cosmopolita do Rio de Janeiro. Guia, a irmã mais velha, segue pelo risco e foge com um marinheiro negro - apaixonando-se mais pela ideia de fuga do que pelo próprio marinheiro. Eurídice escolhe um caminho mais seguro, com um casamento aprovado pelos pais, mas alimenta, ainda assim, o sonho de ir estudar piano para Viena. Em ambos os percursos, as expectativas são goradas, não por incapacidade própria, mas pelos obstáculos levantados por uma sociedade machista, implacável perante os desejos e sonhos de autonomia das mulheres. Afinal, "A Vida Invisível" é, na sua essência, um enorme filme sobre a condição feminina no Brasil dos anos 50, tão bem resumida na deixa de uma das personagens, que fala do azar de nascer mulher. É essa louca deriva machista, de preconceito e discriminação - primeiro do lado do pai, depois do lado do marido e, finalmente, da sociedade no seu todo - que provoca a angústia de um desencontro quase eterno entre as duas irmãs. É, pois, também um filme sobre a saudade, uma saudade profunda, talvez mais dura do que a própria morte. [...] (Manuel Halpern, visao.sapo.pt)

02 JULHO

LÍRIO BRANCO

HIDEO NAKATA / JAPÃO, 2016, 80', M/18



Nakata entra no mundo da Nikkatsu como assistente de realização de Masaru Konuma, mas é com "Lírio Branco" que realiza o seu primeiro "Roman Porno", fazendo um elogio ao seu mestre através desta homenagem a "A Senhora de Karuizawa" (1982). O drama lésbico é aqui reinventado através de um jogo de sedução e dominação de um erotismo perturbador, entre uma aprendiz de olaria e a sua professora, mestre, protectora e amante - "Eu não amo as mulheres, amo apenas a professora". Apesar dos contornos perturbadores que resultam da entrada de novos personagens na sua dinâmica amorosa e profissional, esta é uma sublime história de amor sobre as dificuldades em ultrapassar uma paixão angustiante, e sobre a força e o crescimento pessoal necessários para isso.

16 JULHO

PJ HARVEY: A DOG CALLED MONEY

SEAMUS MURPHY / IRLANDA / REINO UNIDO / EUA, 2019, 94', M/12



[...] O título do filme "PJ Harvey: A Dog Called Money" provém de uma canção de PJ Harvey gravada durante as sessões do álbum "The Hope Six Demolition Project" (2016). E faz sentido que assim seja. Afinal de contas, acompanhamos a cantora inglesa, não apenas durante essas sessões, mas também ao longo das viagens que fez com o fotógrafo Seamus Murphy, também realizador do filme, recolhendo temas e inspirações para o seu trabalho. Dir-se-ia um tradicional "making of", expondo a evolução de um labor específico que, em última instância, se cristaliza no alinhamento final do álbum. O certo é que estamos longe da lógica corrente, predominantemente promocional, desse modelo documental. Em boa verdade, este é um filme sobre as relações da música com as imagens do mundo à nossa volta. Na prática, nem sequer se pode considerar que Murphy esteja a "acompanhar" PJ Harvey na sua demanda musical. Isto porque a motivação primeira é o próprio trabalho do fotógrafo, visitando várias regiões de Afeganistão e Kosovo, além da zona de Washington em que está a ser aplicado um plano de construção de casas, procurando recuperar bairros afectados por fortes índices de criminalidade (o título do álbum provém, aliás, da designação oficial desse plano: HOPE VI). As sessões de gravação do álbum acontecem num cenário muito especial: uma espécie de estúdio, fechado mas com janelas, aberto a visitantes que podem observar o labor dos músicos sem que estes vejam tão singular plateia. [...] (João Lopes, rtp.pt/cinemax)